

REPORTAGEM ESPECIAL

Há desemprego, mas grande demanda por mão de obra qualificada

Ana Esteves, especial para o JC
economia@jornaldocomercio.com.br

Diretor do Núcleo de Engenharia Organizacional (NEO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEO/Ufrgs), Alejandro Frank fala sobre o cenário atual do agronegócio gaúcho, com excesso de oferta de mão de obra frente à escassez de mão de obra qualificada.

Empresas & Negócios - Qual o principal impasse no campo, frente ao aumento exponencial de ferramentas tecnológicas?

Alejandro Frank - O grande ponto crítico para o agro é a mão de obra pouco qualificada. É aquele operador que auxiliava na lavoura, estava só conduzindo um trator e, de repente, passa a ter que operar um trator autônomo, e esse trabalhador não tem nem Ensino Fundamental, formação mínima para poder entrar nesse mundo digital, porque mundo digital demanda entendimento dos dados, das informações nas interfaces. E aí nós temos um grande paradoxo: por um lado, há o desemprego crescendo em função da mão de obra pouco qualificada e, por outro lado, uma grande demanda carente de mão de obra mais técnica. Existe uma transição dentro do campo, ela vai demandar qualificação maior em vários níveis e para vários tipos de atividades no campo.

E&N - Quais são as saídas para quem precisa aprender a usar tecnologia para não acabar abandonando a produção?

Frank - Outro dia fiz uma pergunta para um vendedor que estava me mostrando uma plantadeira com sistema autônomo, sincronizada com drone e tudo mais. Perguntei para ele: quem é que opera isso? Ele me disse: meu pai não consegue mais fazer isso, mesmo sendo qualificado. Ele sabe operar tratores e colheitadeiras, mas essa máquina entra em outro patamar tecnológico. Na maior parte das vezes, as empresas são forçadas a trazer a tecnologia para o campo e a própria qualificação de quem está nessa transição. Essa é uma saída quando a demanda de qualificação é muito maior do que a capacidade que o País tem de responder no sistema educacional. Os produtores têm que escolher canais alternativos para aprender: desde a própria empresa que oferece a tecnologia, até as instituições como Embrapa, Senar, Senai, até escolas rurais.

E&N - O problema está em operar tecnologias de ponta ou começa com coisas mais básicas, como softwares de gestão?

Frank - Se fala muito em Inteligência Artificial e drones, mas uma coisa que percebemos na agricultura familiar é que, às vezes, o pequeno produtor tem carência na operação da tecnologia, mas também nas coisas mais simples que têm a

ver com a própria comercialização dos produtos: canais digitais para venda, para procura de preços. Não se trata somente pensar na transformação digital, mas como trazer para pequenos produtores o contato com as vias digitais, num momento em que se tem um pouco mais de acesso à internet, dentro do ambiente rural. Existe muita demanda imediata para atender o campo em alguns tipos de tecnologias, como no caso de drones, tudo que é agricultura de precisão, que envolve desde sensoriamento, operação de equipamentos autônomos, escaneamentos são áreas de grande demanda e que faltam profissionais. O interessante é que a qualificação nessas áreas é prática e não muito demorada.

E&N - Qual o papel dos jovens nesse contexto? A tecnologia pode funcionar também como forma de mantê-los no campo?

Frank - As famílias mais antigas não tinham contato com a transformação digital, mas os filhos, as novas gerações, sim. Os que optam por não ir para a cidade, ficam no campo e ali têm interesse e contato com as novas tecnologias. Aí a gente viu uma oportunidade de qualificação de jovens que ficaram e que podem trazer mais valor agregado para essas famílias. E não são somente tecnologias para a produtividade, mas também as que viabilizam o modelo de vida no campo, quando o campo deixa

de ser tão atrativo como modelo de vida, numa sociedade cada vez mais urbana. Ter tecnologia no campo ajuda a manter os jovens nas propriedades, sem dúvida.

E&N - Como os jovens e os mais velhos se relacionam com as novas tecnologias?

Frank - Dividimos os grupos de duas formas: os greenfields e os brownfields. Os primeiros são as pessoas jovens que já estão chegando ao mundo digitalizados, só que eles muitas vezes conhecem muito de tecnologia mas têm pouco da experiência da operação. Ou seja, é um jovem que vem de uma família rural, mas não enfrentou o dia a dia do campo. E os brownfields são os mais antigos que têm muito da vida do campo, mas pouco da vida digital. São os que já estão no ambiente de trabalho e que têm mais resistência à tecnologia, porque ela gera naturalmente o que nós chamamos de um tecno estresse, gera ansiedade porque a pessoa tem que lidar com algo novo e desconhecido. Só que isso não é necessariamente é complexo, pois muitas tecnologias, justamente com auxílio de Inteligência Artificial, vêm para simplificar muitas operações. Toda instituição que busca ajudar na difusão de tecnologia precisa desmistificar as tecnologias digitais. Para os jovens, o desafio é outro: tornar o campo atrativo e fazer com que eles permaneçam. São dois mundos diferentes, e as instituições que se preocupam com capacitação têm que pensar que são duas mentalidades muito diferentes.

E&N - É possível sobreviver na atividade rural sem aderir às novas tecnologias?

Frank - Acredito que não exista um meio termo. De alguma maneira, a tecnologia vai ter que chegar aos produtores, por mais resistentes que eles sejam. Uma questão muito simples é a compra de matéria-prima: hoje, pouco se cogita comprar matéria-prima diretamente numa loja, pois não necessariamente vai ser o melhor preço. Outros produtores vão estar competindo e conseguir reduzir a assimetria de informação, ou seja, vão poder tomar melhor decisão e serem mais competitivos. Poder consultar na internet e ver opção de preços tem impacto muito grande numa situação muito simples da vida do produtor. Tomando como base a parte mais simples da transformação digital, percebemos que se torna muito difícil para o produtor que simplesmente fecha os olhos para esse

novo mundo, e a tendência é de que a economia desse produtor fique cada vez mais restrita a seu próprio consumo. Temos um desequilíbrio que é comum acontecer em qualquer momento de transição, com já ocorreu, por exemplo, na Revolução Industrial. Na Revolução Digital, acabamos tendo essa transição com desequilíbrios no mercado, não acho que seja apocalíptico, mas vai demandar e vai trazer sofrimento, no sentido de adaptação para essas novas realidades.

E&N - Quais as tecnologias que estão em alta nesse momento no meio rural?

Frank - Sobre as novíssimas tecnologias, estão em alta as ferramentas de Inteligência Artificial. O produtor rural que vai ter que tomar alguma decisão sobre plantação já conta com um aplicativo com uma ferramenta de Inteligência Artificial dando as instruções sobre como, quando e porque tem que fazer cada uma das etapas do plantio. Isso é um grande avanço, porque às vezes o conhecimento empírico da experiência do produtor tem imenso valor, mas ele também tem limitações e essas ferramentas conseguem trazer um conhecimento mais científico para o dia a dia rural. Porém, elas ainda não estão suficientemente exploradas no campo, ainda não tiveram toda difusão não entraram com tanta força ainda.

E&N - Qual é o segredo para fazer o produtor rural se interessar pelas novas tecnologias?

Frank - A gente usa um conceito de sense maker, ou seja, até a tecnologia não fazer sentido na cabeça da pessoa ela pode ser usada, mas normalmente isso vai ocorrer de forma transitória, a qualquer momento terá uma interferência entre o que a pessoa pensa e a tecnologia e a pessoa vai acabar indo para o seu próprio instinto. Só no momento em que a tecnologia começa a fazer sentido e a pessoa passa a entender que ela pode acrescentar coisas que ela, de fato, não sabe, é que começa a delegar mais a sua confiança na tecnologia. E aí entra uma parte importantíssima dos educadores no campo fazer entender como a tecnologia pode ser uma aliada do produtor rural e como ela pode ajudar a prever riscos climáticos ou de outra natureza um momento que o produtor rural vai tomar decisões, entender variação de preços. Só quando o produtor rural entender que isso pode ser um aliado à experiência dele é que, de fato, a tecnologia vai ser incorporada na rotina.



Frank, pesquisador do Núcleo de Estudos Organizacionais da Ufrgs, destaca adoção de Inteligência Artificial